

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 35000.

EDITOR—ANTONIO J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 35000

ANNO IX

THEZESINA 15 DE MAIO DE 1884

N. 336

O SEMANARIO

Theresina 14 de Maio de 1884

O Padre Raimundo Alves da Fonseca.

«De-me um padre, que reúna a virtude á sciencia, o zêlo á caridade, o amor sincero da patria e do soberano ao amor da religião; eu garanto a esse padre o respeito, a estima, o amor não somente dos ecclesiasticos, mas também dos seculares, não somente dos homens piedosos, mas também dos mundanos, não somente dos fieis, mas também dos incredulos.»

Assim fallava Ventura de Raulica perante um auditorio numeroso, por occasião das exequias de um dos mais distinctos padres da Italia.

O padre que, n'aquellas condições, o celebre Theatino procurava e achou na pessoa de Graziosi, não o encontramos de novo na pessoa de Raimundo Alves da Fonseca, fallecido, ha pouco, na capital do Maranhão.

Dizer quem foi o padre Fonseca em todo o periodo de sua laboriosa existencia; narrar os serviços que prestou á religião e á humanidade nos dias difficeis q' uma e outra atravessou de certo tempo á esta parte; contar uma por uma as victorias que alcançou nas luctas da intelligencia e do coração; medir a extensão de seus vastos conhecimentos nos mais importantes ramos das sciencias ecclesiasticas e profanas; avaliar, em summa, o merito e a força d'aquelle athleta da penna e da palavra—eis uma tarefa da qual não nos incumbimos, porque a julgamos unicamente digna de escriptores como elle era, de intelligencias como era a sua.

Só nos cumpre affirmar que ainda ninguém n'este paiz honrou mais do que o padre Fonseca a dignidade sacerdotal. Nenhum sacerdote do nosso conhecimento realisou melhor do que elle o ideal do padre, imaginado por S. Pedro Chrysologo, quando o definiu assim—*sacerdos forma virtutum.*

O padre Fonseca não soube que era mocidade. N'essa quadra da vida, em que as paixões tumultuão no coração do manébio e o arrastão para fóra da orbita onde gira o dever, elle, esquecido de si, com os olhos fitos no céu, entregava-se todo aos aridos estudos do dogma, ás peníveis investigações da philosophia, ás severas lições da moral, e cada vez mais fortalecia o seu espirito nas praticas das virtudes evangelicas.

N'a cadeira sagrada occupava lugar eminente ao lado dos melhores pregadores do Imperio, e sua voz, sempre ouvida com respeito, ecoava tão bem na alma do auditorio, que a convicção das verdades christãs brotava espontaneamente da commoção produzida pela união do amor.

A palavra eloquente do ministro de Deus acrecia o exemplo d'uma vida de sacrificios, toda empregada no serviço do altar, formando uma serie não interrompida de boas obras e exercicios piedosos—vida pura á todos os respeito, bastante p' r si só para conciliar-lhe a estima de que justamente gozava, e provocar a admiração que em tolos despertava.

O povo, no dizer de S. Bernardo, deixa-se mais facilmente levar pelos exemplos do que pelas palavras, e creê muito mais no que vê do que no que ouve. Por isso, e para inspirar plena confiança, o padre Fonseca, tendo muitas vezes de fallar ao povo na qualidade de pregador, tratava de pôr sua vida em harmonia com a santidade do seu ministerio, e de tal modo fazia que, juntando o exemplo ao preceito, podia, sem receio de ser contestado, dizer a cada um de seus ouvintes: se não creis no que digo, crede no que faço.

Austero e castigo, indulgente com os outros, o padre Fonseca era o typo do religioso perfeito, e do homem bem educado.

Protegido por uma bateria de livros escolhidos, onde aprendia a sciencia dos santos, não havia adversario que resistisse aos projectis disparados d'aquelle reducto formidavel.

Pouco antes de transpor os umbraes da eternidade, elle fulminou com seu verbo potente, nas columnas da *Civilisação*, o ultimo campeador, que ousou accomettel-o na paz do santuario.

Foi o derradeiro clarão, que descerdeu-se d'aquelle foco luminoso, e tão intenso e tão basto, que ainda hoje parece desluzbrar os nossos olhos.

Entretanto o padre Fonseca não aspirava ás glorias da terra. Acabada a controversia a que o arrastavam imprudentes *christophobos*, e da qual sahia sempre victorioso, elle volvia satisfeito a seus habitos antigos de humildade e quietação, não para dar treguas ao espirito e descanço ao corpo, mas para dividir-se entre a prece e o ensino da mocidade, que folgava de ouvi-lo explicar philosophia no lyceu do Maranhão e theologia no Seminario Episcopal.

Nunca se deixando seduzir pelo orgulho da sciencia, a gloria, que elle almejava e procurava conquistar, era a gloria de S. Paulo, isto

é, a gloria que reside no-testemunho da consciencia, na simplicidade do coração, e não na sabedoria carnal.

Porém, acima de tantas qualidades, que o ennobreçião, acima do saber que ornava o seu espirito, pairava um virtude que o exaltava entre os homens e o approximava mais á Jesus Christo, seu divino modelo.

O padre Fonseca era casto!

Com o orvalho da oração e o suor da penitencia regou essa planta do céu, q' não brota senão em terreno fertilizado pelo sangue de Jesus—essa mimosa flor do Evangelho, que fez o grande Lacordaire, do alto da tribuna sagrada na basilica de *Notre Dame*, garantir a plenitude da vida eterna a quem a cultivar por espaço de um só anno—esse homem admiravel, que Clemente de Alexandria chamou «*o príncipe*», ornameto, a honra, a gloria do clero catholico—essa virtude sublime, angelica, divina, que valeu a S. João Evangelista, da parte do Apóstolo, o titulo precioso de discipulo amado, e da parte de Jesus, o doce nome de filho.

O padre Fonseca era casto!

Basta: o seu elogio está feito.

Uma lagrima sobre o tumulo d'esse nosso charo patricio, d'esse piauihyense de tincto, que foi a honra do clero maranhense e a gloria da nossa terra.

Que Deus o tenha entre os seus eleitos e o substitua por outro que lhe siga os passos na senda do dever—são os nossos votos.

Ainda a «Epoca» e a Semanaria-Santa.

Respondendo ao artigo do *Semanario* em que corrigimos a historia mal contada dos successos da *Semanaria-Santa* ultima, a *Epoca* de 10 do corrente começou por prevenir-nos que ia mudar de linguagem á nosso respeito, em castigo de lhe termos atirado a lava, contestando o que ella havia dito.

Contestar a *Epoca*! Pois ha quem á tanto se atreva? Realmente é ousadia digna de severa punição!

Todavia, era bem dispensavel a advertencia. Muito antes de apparecer aquella gazeta todos affirmavão que haviamos de ser maltratados nas suas implacaveis columnas, por que não ha exemplo de uma só vez o intolerante orgão confessar-se vencido ou convencido em uma questão qualquer.

Sente-se humilhado no seu immenso amor proprio sempre que o apertaão no circulo da logica ou o repellem com a logica invencivel dos factos.

D'ahi as suas costumadas diverções pelos campos da provocação; onde o adversario não pode penetrar

sem contrahir as enfermidades da mão que a fere.

Não admira, portanto, que nos brindasse com os epithetos de—*superioridade burlesca, orgulho balofo, caudatario do padre Thomaz, digno de escarnos* &c.—são escumas da maleficencia em que tanto prima o articulista a quem infelizmente até hoje debaide se tem mostrado a vantagem real das luctas jornalisticas em terreno limpo.

Seria, com effeito, cousa pasmosa, que, para acachapar adversario tão desarrasado na discussão de uma materia tão simples ao alcance da mais obtusa intelligencia, carecesse alguém de *orgulho balofo e superioridade burlesca*, cujas fataes inspirações produzirão necessariamente o effeito negativo de enfraquecer os argumentos e dar ganho de causa ao contendor do lado opposto.

Não souber, não foi isso: ao mais humilde dos mortaes, nas condições expostas, é licito esperar o triumpho, aliás facil, quando a evidencia põe-se aos olhos de todos.

Si alguma cousa nos desvanee na questão actual não é termos inutilizado os planos da *Epoca* com relação ao Vigario das Dores, é, sim, estarmos concorrendo para que o dragão da calumnia largue a presa em que tem as garras fircadas d'esde tanto tempo.

A *Epoca* bem sabe que não se trata de padre Thomaz nem de padre Honorio na materia sujeita. Trata-se dos direitos e interesses de uma irmandade da qual nós e outros muitos fazemos parte, dos direitos e interesses de uma freguesia á qual nós e muitos outros pertencemos.

Si o articulista leva a questão para outro ponto de vista e a personifica n'um homem, é talvez porque julga a occasião asada para remover obstaculos imaginarios, que se lhe antolhão no futuro, não advertindo que ainda n'isto vae errado, por que não é com modos asperos e rudes que se adquire proselytos.

Seja como for, si tivéssemos de escolher entre ser caudatario de um padre e ser escravo das paixões do articulista, preferiamos o primeiro partido.

Passemos de salto sobre o ridiculo que elle suppoz atirar-nos, mostrando receios de confundir-nos com a cabra de que fallou Alexandre Herculano.

Em um das numeros anteriores d'este jornal, alludindo ás opiniões divergentes da imprensa d'esta cidade sobre a inventada subtração da imagem do Senhor Crucificado, nós citamos um bellissimo trecho da obra de Alexandre Herculano, intitulada—*O Parocho d'Aldeia*—o qual não vinha nem podia vir de melde a encabeçar-se n'este ou n'aquelle individuo, mesmo porque, contendo elle um conceito moral de incontestavel

verdade, nenhum mal resultaria de sua applicação a determinada pessoa.

O articulista, porém, aproveitou-se do ensejo para fazer espirito, e despartido pelo chocalho da cabra, estabeleceu um confronto que não teria feito si lhe occorresse a idéa de procurar em si mesmo o *fac simili* do animal que o atrahia.

Talvez não se dirigisse a nós que não o tínhamos offendido, e quizesse antes destituir a memoria do sabio portuguez a quem podia chamar—*cabra*—com o mesmo direito com que outrora chamôu—*sendeiro*—a Benjamin Constant.

Em todo caso cumpre-nos lamentar a tendencia de espiritos irrequietos para as situações tumultuosas.

Quanto ao facto da subtração da imagem a *Epoca* não adiantou uma palavra, sequer, ao muito que já disse e já foi respondido.

Provamos com o testemunho do secretario da irmandade e de diversas cidadãos importantes desta cidade que a imagem não foi subtrahida.

A *Epoca* sustenta que foi e mais não diz.

Provamos, com as declarações escriptas das proprias pessoas que a acompanharão de um a outro ponto, q' a trasladação fez-se em boa ordem, de modo conveniente e respeitoso, como em outras occasiões.

A «*Epoca*» insiste na negativa, apurando apenas o numero e a qualidade d'essas pessoas.

Provamos que jamais, em tempo algum, se fizeram procissões por occasião de trasladações semelhantes.

A «*Epoca*» concorda comnosco e dispensa tambem as procissões, mas observa que nem tanto, nem tão pouco, e quizesse um certo acompanhamento, com certo numero de pessoas, á certas horas do dia.

Questão de mais ou de menos.

Demonstramos que si o procurador da irmandade não tinha poderes para ceder a imagem sob sua responsabilidade, tambem a isso não se oppunha o compromisso, devendo, no silencio da lei, seguir-se a pratica de todos os tempos, agora mesmo observada pelos defensores do conego Honorio a quem, por sua conta e risco, entregaram as imagens da confraria dos Passos para os actos da semana santa d'este anno na igreja do Amparo.

A «*Epoca*» responde que á prevalecer o principio da competencia na ausencia de prohibição expressa, seguir-se-hia que o procurador ou um dos mordomos podia praticar actos do provedor, um irmão, arregar so as attribuições do secretario ou as regalias de um defensor e assistir por diante.

Outra illice. Invidir attribuições alheias não é a mesma coisa que usar de um arbitrio salutar não prohibido por lei.

Provamos que nem antes, nem depois do tempo em que celebrava-se a semana santa na igreja das Dores, as imagens, que lá servião, erão transportadas por ordem e consenso das respectivas irmandades.

A «*Epoca*» affirma o contrario, e fica n'isto.

Dissemos que a imagem do Crucificado, á cargo da confraria dos Passos, não podia accomodar-se no esquife da outra imagem e ser assim conduzida para a igreja das Dores, porque precisava-se d'elle na igreja do Amparo para a procissão do enterro.

A *Epoca*, tomada de surpresa, pergunta como poudo então aquella

imagem voltar da Igreja das Dores para a do Amparo n'aquelle mesmo esquife, esquecendo-se de dar a si mesma a seguinte resposta: porque assim quizerão os possuidores do esquife, que para esse fim desatojaram d'elle a imagem—do Sacramento—a que era exclusivamente destinado, o que não fez, nem podia fazer o secretario da irmandade dos Passos sem excitar maior alarido.

Provamos q' a imagem do—Sacramento—não só prestava-se a ser crucificada, como é a unica que na sexta-feira santa tem servido para o descimento da cruz e procissão do enterro, sendo que por isso não se carecia da imagem dos—Passos—na Igreja do Amparo.

A *Epoca*, modificando o seu pensamento sobre este ponto, concede a possibilidade do facto, mas com a condição de se forçar os pés no acto da cravação, o que até então não havia occorrido á mente de ninguém, tal é o despropósito da observação.

E já que chegámos a esta particularidade, dizemos francamente que bastante divertiu-nos a *ingenuidade e candura* com que o articulista defendeu-se de uma contradicção que ninguém lhe notou.

Havíamos copiado o periodo do seu artigo anterior, no qual, fallando hypothetica ou condicionalmente, (como queira) externou-se mui claramente do seguinte modo:

«Chegaria mesmo a ser objecto de admiração suindo uma Igreja duas imagens semelhantes para um só mister, houvesse duvida em satisfazer-se o vigario da outra matriz; que sollicitasse uma para completar certas ceremonias do culto divino.»

Ora, acreditando nós na sinceridade de taes declarações, tratamos logo de fazer a prova plena da existencia de duas imagens semelhantes para um só mister, e, depois d'isto, convidamos o articulista a tirar comnosco a conclusão obrigada dos principios por elle mesmo estabelecidos, visto como a hypothese, em vista das provas, convertia-se em realidade tangivel, isto é, o convidamos a estranhar comnosco a recusa de uma das imagens para a solemnidade da Paixão na igreja das Dores.

Fomos, por ventura, desleaes na transcripção do periodo citado? Attribuímos ao articulista cousa diversa do que elle disse? E si não desvirtuamos o seu pensamento, para que essa enfiada de trechos e mais trechos com que abarrotoou o final de seu artigo no intuito inglorio de salvar sua coherencia?

O articulista, de proposito para não entender-nos, leu o nosso escripto como os judeus leem a Biblia, queremos dizer, com um véo sobre os olhos.

N'este caso a culpa não é nossa. D'esta vez, ao menos, a «*Epoca*» não achará no resumo de sua argumentação o jogo de disparates a que se refere.

Ao que parece, o contemporaneo incommodou-se com o reaparecimento do «*Semanario*», que, aliás, não se lembra delle senão para desajar-lhe longos annos de vida.

Continúa na sua navegação de longo curso ás regiões do odio e da vingança: pode ser que, um dia madonho furacão, irrompendo d'algun ponto do horizonte, venha rasgar as velas, e quebrar os mástros de seu possante navio no momento mesmo

em que a atmosphera se lhe affigureserena e o mar tranquillo.

Parte Religiosa.

MEZ DE MARIA.

Dia terceiro.

DÁ HUMILDADE DE MARIA.

A vida retirada, porem que não procede de humildade, e d'amor de Deus, é uma vida triste inutil para si e para os outros.

Essa vida solitaria q' não é animada pelo amor de Deus é uma hypocrisia, um arremedo um egoismo vergonhoso. O senhor não mora n'essas almas aridas que evitam achar-se em companhia de seus semelhantes, para não supportarem a parte que lhes compete no fardo commum da vida: estes entes juteis folgam de jactar-se de não haverem feito mal, e Deus lhes pergunta:—Que bens haveis vós feito? Não é por ventura um mal, e um grande mal, o não fazer bem algum?

E' um manifesto engano o cuidarmos que escapamos dos laços do inimigo, encerrando-nos n'um retiro, e que la não havemos de ter tentações: a solidão não é desacompanhada de perigos, e o anachoreta que se admira de sua resolução, porque assenta que o desaparecimento deve ter causado espanto a gente, conhece bem mal o vulgo dos homens pela maior parte incuriosos, e cuja memoria está nos olhos e não no coração.

Ser posto em esquecimento, eis o destino de todo o homem, e o supplicio de todo o que é soberbo. O verdadeiro christão, em vez de se affligir deste esquecimento, se felicita, por isso que não lhe resta outro arrimo se não o de Deus: as cidades, os desertos tudo lhe é indifferente; a humilhante é o seu unico thesouro; ella pode sustentá-lo sem magula no throno, e fazer com que guarde n'elle seus dozes perfumes pelo mesmo teor, que no coração das florestas. Porem para que assim aconteça é mister que desconfiemos das ciladas do espirito das trévas, o que bate de continuo á porta de nosso coração para seduzir-nos, persuadindo-nos que somos talhados para alcançar grandissimos successos na sociedade; que a gloria e os prazeres nos estão aguardando nell; que ora nós pinta a religião com as mais negras cores; ora nos convida a adoptarmos d'ella a parte que se ajusta com a razão, deixando para as pessoas de curto entendimento tudo quanto cheira a beatice e a superstição.

Que bem sabe o perfido que levando-nos a capitular com nossos deveres, nossa queda é inevitavel. Tirar algumas pedras d'um edificio onde tudo se prende, e se liga, é arruinal-o, senão immediatamente, pelo menos com o andar dos annos.

Guardemo-nos pois de prestar ouvidos ao espirito da mentira, e pelemos contra elle adragados com a Cruz.

Tal foi o caminho que Maria seguiu; cheia de prudencia, e de humildade, ella se esconde, não para que a busquem, nem para conquistarelogios, mas tão somente para conhecer a Deus, e para só de Deus ser conhecida. Observemos todavia que este amor do retiro na Santa Virgem não era acompanhamento de selvaticueza, nem procedia de capricho: quando a occasião o podia vemol-a em companhia de seus con-

cidadãos ir assistir á festa de Jerusalem. Passado algum tempo, por ordem secreta da Providencia, vemol-a, posto que, se tivesse consagrado ao Senhor, consentir em ser esposa do casto José; em fim, quando o soberano assim o manda, faz a jornada de Bethlem n'um estado que poderia isentá-la de o fazer. N'uma palavra cumpre com todas as suas obrigações sem frouxidão, sem resistencia, e tambem sem ostentação.

O contrario fazemos nós; faltamos a um sem numero de deveres essenciaes, para nos occuparmos de coizas superfluas, por isso que d'ellas nos pode resultar uma certa calibridade.

Citemos um só exemplo, olhetmos para essas mulheres *sentimentaes*, que desamparam, marido, filhos e a propria casa, para irem desvelar-se em tratar d'esta ou d'aquella pessoa d'amizade que nenhuma necessidade tem d'ella.

Porque motivo trocam assim um dever sagrado por um puramente facticio? Por isso que as virtudes domesticas não dão bráde, são estimadas de todos, mas não engrandecidas; louvamos porem com enthusiasmo os sacrificios voluntarios e estrondosos, sem nos advertirmos que deixamos a realidade da virtude, para correremos após a sombra d'ella.

Pessoas ha que, punctuaes no cumprimento de suas obrigações, exaltam de continuo a exactidão com que as encham e parecem querer de proposito estragar o bem que fazem, por uma desajustada e criminosa vaidade, e perdem por aquelle modo o fructo de seus trabalhos, porque Jesus Christo lhes dirá: «Que quereis de mim? Haveis recebido no mundo a recompensa.»

O homem apulento que se engolfa em delicias, se jacta de seu nascimento e de sua riqueza, como se o ouro que tem em seus cofres fóra um merecimento, aspira, a gloria e encontra com o desprezo: Respeita-o-hião pelo lugar que occupa se se tornara digno d'elle; desprezimo-n'o, por isso que é vaidoso. Depois de se ter glorificado durante a prosperidade, é tal o orgulho do homem, que se a adversidade o assoberba, d'ella mesma tira motivos de vaidade, inculcando-se por alvo de seus tiros. Para inspirar a todos interesse exagera a sua desgraça, accusa a Providencia, e toma o universo por testemunha de sua não merecida desventura; sem se lembrar que para mover a compaixão deve a infelicidade ser acompanhada de serenidade e de resignação. Os sabios do paganismo não proclamado que o espectáculo mais bello ante os olhos de Deus e dos homens era o de um varão justo a braços com adversidade. Se pois na antiguidade a honra ou capricho de parecer superior á fortuna infundia n'uns poucos de homens fracos tamanho valor, quanto mais admiravel é, e puro em seu principio, o heroismo dos christãos, que tendo em pouco a celebridade combatem unicamente para agradar ao Deus do universo! Que tem elles de ver com os elogios d'este mundo, se põem o ponto mais alto!

Para merecer o reino de céu pelojam varonilmente com a desgraça, supportam com o rosto sereno, o pasado sorriso do desprezo, e se não mister de mais animo para proseguir na generosa lucta, levantam uma ponta do véo que lhes encobre o porvir, e exaltam de alegria, porque não visto

a palma do martyrio que os está guardando.

A humildade christã, não é pois, como se imagina, a virtude dos fracos, mas sim a virtude das almas de forte tempera. Sim a humildade, esta grande virtude do christianismo, é desconhecida, e mal observada pela maior parte dos christãos; confundimol-a com a cobardia que se sujeita e se põe debaixo dos pés de todos unicamente por baixeeza; sendo que pelo contrario a humildade é uma virtude heróica que assim como não tem inveja aos grandes da terra, assim também não sabe abaxiar-se diante d'elles para mendigar protecção. Ella não ameaça, nem lisougeia os poderosos; mas tem o valor de lhes dizer uteis verdades, e o que ainda é mais raro, o de covil-as.

A humildade tira proveito dos conselhos que lhe dão; por isso que não tem, com o amor proprio, esse aferrô ás suas opiniões, e essa pertinacia que faz que, ainda quando entende que não tem razão, persiste em sustentar o contrario, e prefera despenhar-se no abismo que lhe hão assignalado, antes do que seguir um ramo differente d'aquelle que tomou por imprudencia.

Oh! e quão longe estamos d'esta admiravel virtude!

A filha apenas presta ouvidos aos conselhos d'aquelle que lhe deo ser, porque tem para si, que é mais discreta e mais instruida que a mãe.

Abrasarão-se ao filho as faces, ouvindo as reprehensões do pai, e sacode o jugo d'uma prudente e dócil dependência, para fazer uso de sua rainha, e d'esta usar mal; a mais graciosa nos escandalisa, e as vezes pagamos um innocente gracejo com um mordente sarcasmo.

E' o orgulho um verdadeiro Protêo, cujas formas são tão delicadas, que mal as podemos divisar. Este detesta quantos estão acima d'elle, e não pode ver se não os que lhe são inferiores, porque sobre elles domina.

Aquelle, pelo mesmo principio de vaidade, bem que tomado em differente sentido, se mistura com os grandes, e faz gala de uma intimidade que não desfructa senão porque faz o vil papel de lisougeiro.

A humildade anda acompanhada de certa grandeza e modestia que realça o merito, e faz que a mediocridade nos pareça amavel.

O mundo faz mofa da simplicidade d'uma alma humilde, porém aquelles que possuem a sciencia da salvação não admiram senão o talento acompanhado de modestia, e a virtude que parece ignorar-se.

Tal foi Maria: sempre humilde, posto que descendente de reis, e dotada d'este o nascer das mais eminentes virtudes; sempre humilde, ainda mesmo quando Jesus, saindo glorioso do tumulo, proclamava por sua resurreição que Maria era mãe do Salvador do Mundo; sempre humilde em fim, quando os anjos a transportavam para a morada celeste em suas azas de fogo, pois que ainda repetia: « Minha alma glorifica o Senhor, porque olhou para a humildade de sua serva. »

Dia quarto.

Ama Maria o silencio.

Se nos offerecessom uma grande fortuna, palacios magnificos com con-

dição de vivermos escondidos n'um êrmo, onde não tivessesom outras test-munhas de nossa grandeza, senão alguns escravos, regeitaríamos por certo com desdem o offerecimento, por isso que o que atéa em nós a sêdo das honras não é o possuil-as, mas o mostrarmo-nos diante de todos rodeados dessa gloria ephemera, que tanto encanto tem para o vulgo dos homens.

Eis o que somos em nossa pequenez; e chamamos-lhe grandesa d'alma; a tal ponto nos deixamos cegar com os prestigios da soberba. Porém Maria, instruida pelo Espirito Santo, gosa por diverso modo da ventura que o anjo lhe annunciá no dia da Anunciação; ella esconde os thesouros espirituaes com que ha sido favorecida, e sua pudica boca a'ninguem confia, nem mesmo a seu proprio esposo, os favores que do céu recebera. E bem que se advirta das suspiras de S. José, observa o mesmo silencio, deixando a Deus o cuidado de divulgar a sua gloria, e defender sua honra. Cala-se por pura humildade, e pelo longo e prudente costume que tinha de observar o silencio, coisa que é uma das fontes da sabedoria.

Sim, o silencio é para aquelle que observa uma segunda razão, que dá tempo para amadurecer as idéas: são estas por vezes optimas mas hã-tudo mister de serem examinadas por graves meditação; vezes também são d'aquellas não devem divulgar-se.

quem se trata.

O homem que acodadamente se publica é comparavel ao pomareiro frito de prudencia que colhe as fructas antes do estarem maduras, com o intento de vendel-as o mais depressa possivel. Ora não pode haver proveito solido e duravel, quando não ha nem prudencia nem discricão.

Aprendamos de Maria a grande arte de saber-mos calar: as phrases que della se citam são poucas, e em todos transpiram modestia; e certo que, se uma mulher, menos perfeita que a Santa Virgem, se visse no cumulo da gloria em que Deus a havia posto, não deixaria de divulgar aquelle segredo, dando por pretexto que não podera por freio aos transportes d'um justo reconhecimento, e exigiria que lhe tributassem homenagens, não por seu respeito (pelo menos assim o-dizia) mas sim por que aquellas homenagens redundavam em honra de Deus, autor de tudo quanto ha perfeito. Taes são os subterfugios com que o amor proprio costuma encobrir as suas pretensões pessoas com a mascara do zelo de Deus. Maria, aquella mulher perfeita, creatura querida do Senhor, tronco de Jessé, de que devia brotar a mais brihante virgotea, confusa de sua propria grandesa e das maravilhas que n'ella se operam, encerra-se no mais secreto retiro. Não quer nem mostrar-se, nem dominar, nem instruir o seu povo; bem que por virtude da inspiração do Espirito Santo tenha penetrado incompreheensiveis misterios, e descoberto maravilhosos arcanos, como quem sabia que de todos os encargos o mais melindroso é o de ensinar a-outrem. Maria podia todavia desempenhal-o, pois que era perfeita, porém esse privilegio só ella o teve; e quem ha hi que se atreva a dizer « fazei tal coisa » sa-

bendo o quanto lhe custa de ajustar sua vontade com a razão, e entendendo o quanto quotidianamente discrepam as suas palavras de suas acções?

Quem se afaturará, tornamos a repetir-o, a ser o regulador de seus irmãos, sendo que só não sabe governar a si mesmo? Seria uma realçada loucura, e iriam parar nos abismos o mestre e os discipulos.

Bem que Maria por graça especial nunca houresse peccado, não se quiz encarrregar da direcção de ninguém.

Com ser perfeita, supportou as imperfeições de seus irmãos como cantor desde logo o divino ministerio que havia de exercer mais tarde no céu: orou pelos que peccavam, mas não os despêrsen. Encantadora doçura! sêdo a norma de nossa conduta. Ah! envergonhem-nos de ser por tão diverso teor indulgentes nos juizos que de nós mesmos fazemos, e rigorosos nos que fazemos á cerca de nossos proximos.

O contrario aconteceria, se adoptassemos por norma de observar o silencio. Quem falla só quando é mister, ouve o mais leve marmurio de sua consciencia, e examinado com a vista penetrante da humildade e da rectidão adverte-se de mil faltas em que cae, ligeiras na verdade, mas nascidas d'um máo principio, e vê que se não emenda d'ellas, acabará por se consorcer em culpas graves, e as

christão

averte, dos assaltos do espirito das trevas, peleji com elle a toda transe, e ainda depois do triumpho não despe as armas; porque não ha viver que não seja acompanhado de perigo. Será victorioso por ventura aquelle que fallado a todo o instante, descurado de si mesmo, gasta o tempo em escutar com severidade as acções e até os pensamentos mais secretos de seus irmãos? Apresenta-se ufano como um observador profundo, e não vê que o desfeito que acaba de censurar em seu irmão é precisamente aquelle que nelle a primeira vista se observa, e de que elle se não tem advertido.

A's mulheres importa especialmente, por isso que tem mais viveza e mobilidade de imaginação de moderar a propensão que tem para fallar mais do devido; nellas as palavras são rios caudalosos que volvem em suas ondas a calumnia que mata, a mentira que engana, a liberdade de expressão que offende o péjo, e a indiscrição que faz que se malogrem projectos de grandissima importancia.

Nem sempre traz consigo a conservação damnos d'esta gravidade, sendo o objecto d'ella cousas que se reputam por nenhuma importancia.

Observaremos porém, que não é uma cousa insignificante o exaltar uma e outra vez a magnificante d'esta ou d'aquelle festa, a elegancia d'uma nova moda, a ventura de quem é rico, por isso que pode satisfazer quanto lhe cae em fantasia, para contentar o seu amor proprio, &c. A força de ouvirmos gabar esses nada acabamos por gostar d'elles, e por dezeit-os com ardor e assentamos de nós para nós, que a belleza é uma cousa summamente proveitosa, a elegancia, um dote da natureza e a riqueza um verdadeiro merito. E se por ventura nos achamos de posse destes dons, os consideramos como pro-

prios, e pomos em esquecimento a mão generosa que nos-os deu.

Fallamos dellas com uma modestia fingida, e com uma vaidade secreta, e quando cuidamos que temos realçado a maior destreza as nossas cousas, e que havemos obrigado os circumstantes a admirar-nos, nada mais fizemos que motivar um profundo enojo e aborrecimento, e uma lastima grande por tão miseraveis pretensões.

Estas conversações, ainda quando o assumpto dellas é innocente, redundam em prejuizo da consciencia; não pelo mal que nellas se diz, mais pelo motivo porque se falla, motivo que se não tem vagar para examinar n'uma pratica, no decurso da qual a imaginação e a lingua nunca estão paradas, nem se ajudava da reflexão.

Para se poder fallar sem peccar é myster fallar pouco: as praticas em que se observa uma grande moderação, uma desconfiança modesta de si mesmo, em que o desejo de agradar nasce unicamente d'um principio de caridade, não são perigosas; pelo contrario, podem ser uteis aos outros, conservando a paz espiritual que da um certo encanto á religião; faz que se juguem das cousas solidamente, e conduz a melhores principios, as pessoas que se tinham apartado d'elles ou que conservam algumas prevenções. Uma pessoa devota, que a força d'estudo se achar verdadeira nesta matéria, será na conversação d'uma perfeita amabilidade; sua

ordem que seja a mesma para com todos: cederá por bondade, e não por fraqueza, porque o Deus a quem serve é um Deus humilde, que não mora num coração onde ha desconfiança, ou desejo de dominar.

Onde vaga o habito de fallar não pode haver verdadeira e solida devoção; por que esta é uma sensação interna acompanhada de certa doçura que se apresenta silenciosamente em Deus, que com elle falla, e espera com respeitosa attenção a sua divina resposta...

Como podem empregar-se em tão santos exercicios as pessoas que depois de terem cumprido a toda pressa com seus deveres religiosos, começam logo pela manhã uma conversação estrondosa que dura sem descontinuar em quanto lhe não vem romper o fio o somno? Nossos negocios e os deveres de nosso estado e da sociedade bastantes distracções nos causam, guardemo-nos de juntar-lhes o accrescimento d'uma dissipação voluntaria que esgota a cabeça, e arrefece o coração.

SECCÃO LIVRE

X. a Z.

Um Sr. Z, que, não sabemos por que, nos representa a figura caricata de certo velhote, muito nosso conhecido, sangrando-se em saude, surgio nas columnas da «Epoca,» de 10 do vigente, contestando o que dissemos no penultimo n.º do «Telephone.»

Z revela manifesta má fé, insinuando ser X o mesmo «Telephone,» que, á socapa, quiz levantar contra a repartição do correio uma accusação injusta.

Esborrachou-se miseravelmente em suas conjecturas.

Quem seja X, pouco importa saber; entretanto, se Z tem grande empenho nisso, não ha como consultar o seu amigo Maia, que, com certeza, descobrirá a *incognita*.

Nada temos que ver com o modo porque é feita a remessa do «Telephone».

Elle que o diga, se quizer.

Sabemos, entretanto, que esse jornal tem motivos de queixa contra a falta que verberamos, falta geralmente conhecida e censurada, sem reserva, por muita gente, que do cerreio tem voltado com a sua correspondencia, por causa das irregularidades apontadas.

Contra este abuso é que clamamos, incitando o Sr. administrador ao cumprimento dos seus deveres.

Z aproveitaria melhor o seu tempo acompanhando-nos nesta cruzada, em vez de produzir defezas palidas em favor de uma causa reconhecidamente má.

Leia Z o «Telephone» ultimo e ha de convencer-se da procedencia das queixas que se levaptam.

Até breve.

X.

Triolet.

Que attrativos tem a pequena
Que a minh'alma captivou!
E' linda, pura e morena

Que attrativos tem a pequena
Que a minh'alma captivou!
25-4-84.

Xarope de Momordica e carahyba.

Preparado por Manoel Gonçalves Pedreira.

Este importante preparado, já muito conhecido e q' tem sempre merecido elogios quer dos distincto facultativos, que o tem adoptado em sua clinica, quer de grande numero de pessoas, que delle tem usado e colhido prompto restabelecimento nos casos tão frequentes de Bronchites simples capilar (puchado), Pneumonia franca (pleuriz) Suppurante (a postema), Coqueluche, Asthma, catarrho chronico e Phytisica pulmonar, acha-se a venda na casa commercial de Teixeira, Filho & C.^a

Cura maravilhosa.

Sr. Manoel Gonçalves Pedreira.—E' um dever que contrahimos para com a humanidade, dar testemunho das virtudes dos medicamentos de grande efficacia para debelar as graves molestias que affligem a mesma humanidade. E' justamente o que hoje venho fazer dar testemunho das virtudes que merecidamente goza o seu preparado **Xarope de Momordica e Carahyba** como um remedio infallivel nas molestias dos pulmões e garganta. O que fica dito é baseado na experiencia e uso deste medicamento em pessoas de minha familia, com especialidade em minha filha Lúiza que soffrendo de uma Bronchites aguda, foi medicada pelo illustre facultativo o Sr. Dr. João Paulo da Silva Britto, que solicitó como é, empregou os medicamentos mais ener-

gicos para debellar o mal, mandand' applicar causticos, & e apesar de tudo isto, continuava a molestia a apresentar caracteres chronicos.

Aconselhado por meu compadre e amigo tenente-coronel Cezar Francisco de Negreiros, principiei a mandar a doente fazer uzo do seu referido preparado, com o qual, antes de concluido o primeiro vidro, obtive ella melhoras consideraveis, desaparecendo completamente a tosse, que muito a mortificava; findo este, tomou segundo vidro, ficando assim perfeitamente boa, e até hoje não se queixa de incommodo algum resultado da molestia, e está bastante nutrida. Estes factos, que ficão expostos, são conhecidos por muitas pessoas d'esta cidade. Dou-lhe portanto os parabens pela sua feliz lembrança, de seu preparado **Xarope de Momordica e Carahyba** um dos agentes therapeuticos, que ultimamente tem sido applicado com felizes resultados em semelhantes casos. Receba Vmc. esta voluntaria declaração e dê publicidade, para beneficio de muitos que soffrem do mesmo mal, os quaes imprudentemente terão que recorrer a esse precioso preparado.

Desejo-lhe saude e sou com estima e consideração—Da Vmc.—Amigo Obr.^o Cr.^o—Caxias, 16 de Março de 1884.—*Leoncio de Souza Machado.*—Está reconhecida a firma pelo tabellão inferino Antonio Carlos da Cunha.

Mapordica e Carahyba na pessoa do vice-consol de Hespanha desta cidade o Illm. Sr. tenente-coronel Antonio Martins Machado.

Sr. Manoel Gonçalves Pedreira—Me é grato dirigi-lo a Vmc. sobre um assumpto, que julgo trará vantagem a humanidade: tendo eu soffrido, ha mezes, de uma forte bronchite acompanhada de roquidão, e usando de varios medicamentos afim de libertar-me de taes encommodos, que não cederão a nenhum, resolvi, attento e convicto ás muitas informações criticas, que tive sobre o seu preparado **Xarope de Momordica e Carahyba** uzal-o conforme a sua indicação; e com tanta felicidade que, com menos de um vidro de tão efficaz peitoral, consegui o que ambitionava—uma cura completa. Portanto, congratulando-me com Vmc. pela sua feliz descoberta, grato me subscrevo com toda consideração.—Da Vmc.—Att.^o e Cr.^o Obr.^o—Caxias, 17 de Março de 1884.—*Antonio Martins Machado.*—Está reconhecido a firma pelo tabellão Antonio Carlos da Cunha.

CHRONICA SEMANAL

O ministerio.—Lê-se no *Diario do Maranhão* o seguinte:

Carta do Rio, escripta por uma pessoa, altamente collocada, e que está a par do movimento politico, diz que nos circulos onde tal assumpto é ali discutido, affirmava-se que o ministerio actual, depois de abertas as camaras se retiraria, e que era sabido que o conselheiro Lafayette apresentaria, para organisador do novo ministerio, o conselheiro senador João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu.

Partida de Roma.—Os jornaes da Italia annunciam que o Soberano Pontifice, desgostoso com a perseguição que lhe move a demagogia em Roma, peasa em refugiar-se em alguma das residencias que varios governos da Europa lhe têm offerecido, suppondo-se que preferirá Malta, cedida pela Inglaterra.

O Papa, despojado de seus Estados desde 1860 pelo governo invasor de Victor Muel, acha-se reduzido a simples condicção de empregado ecclesiastico pelo governo usurpador do rei Humberto.

Elle vive encerrado no Vaticano, d'onde não pode sahir á rua sem expor-se aos ataques de seus sacrilegos inimigos.

Eis a rasão porque Leão XIII projecta abandonar a cidade eterna, temporariamente.

Vá elle para onde for, levará consigo a Igreja, porque *ubi Petrus, ibi Ecclesia.*

Viagem Imperial.—Os medicos do Paço aconselharão a S. S. Magestades Imperiaes a fazer uma viagem a Europa, afim de se curarem das enfermidades que se achão soffrendo. E' provavel que obtenhão licença das camaras e dentro em breve se ausentem do Brazil.

Qual dos partidos ficará no poder? Questão difficil de resolver-se por ora.

Mudança de situação.—Disiã-se nos circulos da Corte que a questão do elemento servil, cujo termo se procura apressar, difficullará a ascenção dos conservadores, o que não nos parece provavel, por não serem os conservadores escravocratas, como prova a lei de 23 de Setembro.

Arbitrio e prepotencia.—Não tendo os inquilinos dos predios pertencentes as Ordens religiosas de S. Bento, Carmo, Santa Theresa e N. S. d'ajuda, no Rio de Janeiro, e dos quaes forão despojar ordem do governo, querido pagar alugueis a commissão in da desmortisação, porém sim aos das referidas ordens, o Sr. Maciel, do ferreiro, dirigio ao chefe de

quem não tem a avisar pr...
tente, ordenando-me que ponha em pratica todos os meios a seu alcance para que a espoliação se faça em todo o rigor da palavra!
Como vae este paiz!

Chegada.—O vapor—Piaby—que ante-hontem chegou do Amaraute trouxe á seu bordo a Exm.^a familia do distincto medico, Dr. Candido Hollanda Costa Freire, a qual desde Jauceiro achava-se na cidade de Oeiras.

Parabens ao Dr. Hollanda.

Outra.—Acha-se entre nós, vindo tambem de Oeiras, o nosso particular amigo capitão Casimiro de Moraes Sarmiento, um dos liberaes mais distinctos d'aquella localidade por sua moderação e firmeza de principios.

Nós o complimentamos com affecto.

Ainda outra.—Do mesmo lugar, veio com a Exm.^a familia do Dr. Candido Hollanda, o illustre tenente-coronel Fernando de Hollanda Costa Freire, um dos chefes do partido liberal d'alli; que mais se distinguem por suas boas qualidades e excellente manéiras.

Respeitosamente o saudamos.

Catecismo.—Nos domingos e dias santificados, as 3 horas da tarde o Revd. Vigario Conego Thomaz explicará, na Matriz das Dores o Catecismo aos meeiros de um e outro sexo. E' de esperar que pais e mestres comprehendendo a importancia de tão salutar ensino fação chegar ao Templo todas as suas creanças para serem devidamente instruidas nos principios santos da doutrina christã, da religião e da moral.

Fallecimento.—No dia 11 recebeu-se nesta capital a triste noticia da morte do virtuoso e illustrado sacerdote Piahyense, Conego Raimundo Alves da Fonseca. Logo os sinos da Matriz das Dores dobraram á fiação, e de justo pesar possuiram-se todos aquelles que sahem render homenagem ao merito á virtude e saber.

Conego Fonseca.—Por alma desse illustre sacerdote, que falleceu na capital do Maranhão, mandou ce-

lebrar uma Missa no dia 13, na Igreja das Dores, o Sr. Dr. Gentil Pedreira.

Missa fúnebre.—Amanhã pelas 7 horas o Revd. Conego Thomaz celebrará na Matriz das Dores uma Missa pelo descanso eterno d'alma do illustre sacerdote Piahyense, Conego Raimundo Alves da Fonseca.

Convidamos, portanto os amigos do finado a assistirem esse acto-religioso.

Fallecimento.—No dia 9 do corrente mez deixou de existir o jovem Antonio Borges Castello Branco, digno filho do illustre director do collegio de N. S. das Dores, Sr. capitão Miguel de Souza Borges Leal Castello Branco.

Tendo sido accommettido de febres de mão caracter, não lhe valerão os desvelos da familia, nem os socorros da sciencia. Contava o fallecido apenas 18 annos de idade, e era estimado por quantos o conhecião.

Ao seu enterro acompanhou crecido numero de collegas e amigos, que tão fatal acontecimento sinceramente pranteão.

A familia do finado, com especialidade ao seu desolado pae, capitão Miguel Borges, apresentamos nossos sinceros pesames.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

Antonio Lourenço Cavalcante vende sua quinta á margem do rio Parahyba, no lugar «Vermelhas», mistica a do Sr. Grangeiro, contendo laranjeiras, cajueiros, mangueiras, bananeiras, uma grande baixa de capim e muito boas vasantes.

quem pretendel... não annunciantes na me...

BOIS DE CARRO

Man e! Raimundo da Paz & Comp.^a compão para uma encomenda 20 bois de carro, grandes, gordos, uovos e bons.

Quem os tiver ou parte, dirija-se aos annunciantes para entrar em ajuste.

—D. Cand. da Rosa da Silva Avelino, declara ao Sr. collector das renhas provincias do municipio do Amaraute, que desde o anno de 1881 não possui gado da sorte alguma na fazenda—Jacaré—o que faz publico para os fins convenientes.
Theresina, 19 de Abril de 1884.

Um remedio efficaz.

Para cura das irregularidades das mulheres.

PILULAS EMENAGOGAS.

Do Pharmaceutico Arthur Pedreira—

Ainda mesmo que haja suppressão absoluta das regras, pouco fluxo, dores uterinas e ataques hystericos, cedem com o uso de uma a duas caixas d'este preparado. As curas produzidas n'esta capital me animão a apresental-o a humanidade soffredora.
Usai para crerdes.

Pharmacia Pedreira.

Theresina.—Praça Saraiva—1884.